

EDUCAÇÃO SEXUAL: COMO A SOCIEDADE PERCEBE A ABORDAGEM DESSA TEMÁTICA NAS ESCOLAS

*SEX EDUCATION: HOW SOCIETY PERCEIVES THE APPROACH TO THIS THEME IN
SCHOOLS*

Joice Mezza de Carvalho¹

Josiane Peres Gonçalves²

RESUMO: O estudo objetivou identificar e analisar o que dizem representantes da sociedade acerca da educação sexual nas escolas. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada, por meio de um questionário online, com questões abertas, o qual foi respondido por um total de 11 pessoas, sendo três homens e oito mulheres. Os resultados indicam que a maioria não teve a educação sexual nas escolas e os poucos assuntos abordados eram em aulas de ciências ou biologia. Alguns aprenderam sobre a temática com amigos, irmãos mais velhos, às vezes com a mãe, ou na própria universidade. Todos acreditam que tanto a família, quanto a escola devem assumir a responsabilidade de trabalhar temáticas inerentes à educação sexual com crianças e adolescentes, seja ensinando ou mesmo sanando as dúvidas que surgem em seu processo formativo.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; família; educação e sexualidade.

ABSTRACT: The study aimed to identify and analyze what representatives of society say about sex education in schools. The qualitative research was carried out through an online questionnaire with open questions, which was answered by a total of 11 people, three men and eight women. The results indicate that the majority did not have sex education in schools and the few subjects addressed were in science or biology classes. Some learned about the topic from friends, older siblings, sometimes from their mother, or at the university itself. Everyone believes that both the family and the school should take responsibility for working on issues inherent to sex education with children and adolescents, whether teaching or even solving the doubts that arise in their training process.

KEYWORDS: School; family; education and sexuality.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Naviraí (CPNV). E-mail: joice.mezza@ufms.br

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Permanente dos Programas de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (CPAN/UFMS) e da Faculdade de Educação. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE), vinculado à Rede Internacional América Latina, África, Europa, Caribe (ALEC). E-mail: josiane.peres@ufms.br

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apesar do avanço da sociedade e popularização das mídias sociais, como a internet, por exemplo, algumas temáticas continuam sendo tratadas como tabus e se tornam invisibilizadas, sobretudo nas escolas. É o caso da temática inerente à educação sexual, que em pleno Século XXI não costuma ser abordada nas escolas brasileiras. Diante de tal problemática, cabe refletir: o que pensam pessoas representantes da sociedade de Naviraí-MS, sobre a educação sexual nas escolas? Para encontrar possíveis respostas para tal indagação, foi realizada uma pesquisa, de natureza qualitativa, com o objetivo de identificar e analisar o que dizem representantes da sociedade acerca da educação sexual nas escolas.

O referencial teórico baseia-se nos estudos de Ribeiro e Reis (2007), Figueiró (2009), Gonçalves et al. (2013) e Hana e Moraes (2020), entre outros. A pesquisa de campo foi realizada por meio de um questionário *online*, que foi respondido por um total de 11 pessoas residentes em Naviraí-MS. Os dados serão apresentados e analisados logo após a apresentação do referencial teórico e encaminhamento metodológico.

2. EDUCAÇÃO SEXUAL: O COMEÇO DESSA HISTÓRIA

A educação sexual, apesar de ser vista por muitos com olhares repreensivos, vem sendo reconhecida por professores como algo necessário a ser trabalhado com as crianças nas escolas, por auxiliar no processo formativo durante a infância. Porém, é comum os docentes não terem a formação para trabalhar com a temática e, então, muitos deles se

[...] preocupam e sentem-se, em vários momentos, inseguros e até temerosos, diante dessa tarefa. Sabemos que todo o processo formativo dos professores, tanto no Magistério, quanto nas licenciaturas, não os tem preparado para abordar a questão da sexualidade no espaço da escola. Portanto, é compreensível o sentimento de insegurança e a preocupação. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 141).

Há alguns anos, quando se começou a se estudar educação sexual, a temática estava voltada para o prisma biológico e com isso se acreditava que apenas a aula de ciências era suficiente para abordar assuntos inerentes à sexualidade na escola (HANA; MORAIS, 2020). Na atualidade, se reconhece que o entendimento biológico é insuficiente, apesar de ser importante, mas existem

também outros aspectos a ser considerados, como emocionais, socioculturais, históricos, entre outros. Além disso, é necessário entender que a sexualidade é inerente à vida do ser humano e se manifesta desde o início da vida da criança, como aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), tema transversal de sexualidade:

Sabe-se que as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade e tensão. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares. (BRASIL, 1998, p. 78).

De acordo com Moizés e Bueno (2010, p. 207), “a sexualidade faz parte da vida de todas as pessoas, é universal e, ao mesmo tempo, singular para cada indivíduo, envolve, aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais que carregam historicidade, práticas, atitudes e simbolizações”. Ainda utilizando o pensamento de Moizés e Bueno (2010, p. 207), destaca-se que “Ainda hoje, quando se fala sobre sexo e sexualidade, muitos remetem a valores e crenças revestidas de preconceitos, tabus, mitos e estereótipos”.

Evidencia-se que é importante considerar a manifestação da sexualidade desde a infância, inclusive em âmbito escolar, pois falar sobre isso é quebrar tabus, crenças e preconceitos. Segundo Ribeiro e Reis (2007, p. 377), “o que se acreditava no passado, de que a sociedade se mostrava contrária a inclusão da educação sexual no espaço escolar, as experiências de professores e os projetos realizados em todo país, têm demonstrado justamente o contrário”. O conhecimento a respeito do tema a cada dia mais se torna essencial, tendo em vista que:

Estudos em educação sexual, no contexto familiar e escolar, são de fundamental importância, pois visam a refletir como ela é conduzida e trabalhada na família e na escola, relevância de estudos em torno da temática “sexualidade” pauta-se na contribuição de informações que possam auxiliar pais e educadores no desenvolvimento de uma educação sexual contextualizadora e contemporânea (GONÇALVES; et. al. 2013, p. 252).

Acredita-se, então, que é importante que as escolas proponham uma discussão sobre o tema, deixando seus alunos informados e conscientes do poder que exercem sobre si e sobre seu corpo, para que aprendam o que é educação sexual e sexualidade de forma correta. Tal fato se justifica porque a existência da sexualidade se faz presente em todas as faixas etárias e como

geralmente ocorre o desconhecimento por parte da sociedade, os docentes ao não saber lidar com a situação, costumam delegar aos profissionais de saúde.

A escola, querendo ou não, depara-se com situações nas quais é chamada a intervir. Seja numa brincadeira entre os colegas ou nas "inscrições" que ficam pelas portas e paredes dos banheiros, a sexualidade se apresenta no cotidiano da escola. E, dependendo de como é a sua visão diante desse assunto, o trabalho poderá vir numa abordagem mais conservadora ou progressista. (RIBEIRO; REIS, 2007 p. 375).

Toda dificuldade da escola em trabalhar tal assunto se deve ao achismo ou senso comum, pois se acredita que a família deveria ser responsável em tratar esse tema. Evidentemente que a família deve assumir esta função, porém não é sempre que ocorre e muitas vezes predomina um tipo de “discurso silencioso” em que pouco se diz para sanar as dúvidas das crianças e adolescentes. Por conseguinte, a curiosidade dessas crianças e adolescentes é trazida de casa para dentro da sala de aula e então os professores precisam estar capacitados para esclarecer suas dúvidas. Com base nessas ideias, Souza, Munari, Souza, Esperidião e Medeiros (2010) apontam que:

A escola poderia desenvolver programas ao projeto pedagógico, ou até mesmo em ações ou disciplinas curriculares, abordando assuntos de respeito a si e pelo outro, responsabilidade, prevenção, desenvolvendo assim uma visão mais crítica e reflexiva sobre o corpo e a sexualidade, exercendo, assim, a sua cidadania no sentido mais pleno. (SOUZA et al., 2010, p. 95).

A implantação de projetos de educação sexual poderia sim contribuir para que as crianças e adolescentes possam ter uma vida mais saudável, com mais conhecimento sobre si e seu próprio corpo, com um a melhor autoestima e que tenham mais responsabilidade consigo e com o outro.

3. O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA QUANTO À EDUCAÇÃO SEXUAL

Ao se trabalhar sobre a educação sexual, é necessário que os docentes falem de uma forma simples para que as crianças entendam e não corram o risco de aprender de forma equivocada em outros contextos. Outro aspecto a considerar é que a educação sexual não é ensinar a eles a fazerem sexo ou ter relação sexual, já que este tema é associado, muitas vezes, a algo sujo ou obscuro. Figueiró (2009, p. 141) aponta que:

[...] além do despreparo, todos somos frutos de uma sociedade repressora em relação à sexualidade, na qual ainda perduram associações do sexo com ideias de pecado, de feio e de proibido, ou, por outro lado, com ideias de promiscuidade (e de imoralidade”. (FIGUEIRO 2009, p. 141).

A educação sexual é uma das formas mais eficazes de prevenir e enfrentar o abuso sexual contra crianças e adolescentes (RIBEIRO; REIS, 2007). Logo, é importante ensinar desde cedo e com abordagens apropriadas para cada faixa etária, conceitos de autoproteção, consentimento, integridade corporal, sentimentos e a diferença entre toques agradáveis/bem-vindos e toques que são invasivos/desconfortáveis. Com isso, é possível contribuir para proteger crianças e adolescentes de possíveis violações e ainda revelar possíveis abusos ocorridos durante a infância, num cenário em que “Grande parte das crianças, jovens e adolescentes é violada por parentes e pessoas próximas da família”. (HANA; MORAIS, 2020, p. 26).

Tais situações revelam uma difícil realidade, porque o lugar onde as crianças deveriam se sentir protegidas e seguras, ou seja, o seu próprio lar, acaba se tornando um ambiente de medo e insegurança. Com isso, destaca-se novamente na importância de ser trabalhado a educação sexual, a fim de que as crianças tenham conhecimento do tema e reconheçam que é necessário confiar em algum adulto e contar a ele situações desconfortáveis ou indícios de abusos sexuais. Tal aspecto é relevante porque geralmente as crianças não costumam denunciar seus abusadores.

Isso ocorre porque é comum que as crianças não tenham a noção de que se trata de abuso ou que determinados tipos de comportamento, em relação ao seu corpo, é uma violência. Nesse contexto, a educação sexual pode contribuir para que aprenda a denunciar, uma vez que “O eventual vínculo com o educador sexual, dá para as crianças abertura para que elas possam falar sobre abuso e fazer com que a denúncia seja feita” (HANA, MORAIS, 2020 p. 27). Os autores asseveram que:

A educação sexual é toda oportunidade que a criança, o adolescente, ou qualquer outro indivíduo, tem de receber informações, esclarecimentos, sobre tudo que diz respeito ao seu corpo. Do desenvolvimento da sexualidade às questões de gênero. O principal objetivo é promover conhecimento sobre o corpo e o sexo de forma natural, positiva e sincera. (HANA; MORAIS, 2020, p. 27).

Algumas famílias acreditam que a infância não é o momento certo de abordar este assunto, e assim costuma ser protelado para outro momento, que muitas vezes pode ser tarde demais, podendo ocasionar, dentre todas os problemas, o abuso sexual e estupro de vulnerável. Mas a questão a se fazer é: quando seria então o momento correto de ser trabalhado/conversado este

assunto com nossas crianças? Conforme Hana e Moraes (2020, p. 28), “A criança bem esclarecida, que conhece o seu próprio corpo, que foi ensinada a partir, digamos, dos 4 anos, sobre suas partes íntimas, já sabe reconhecer qualquer aproximação inapropriada de um adulto”.

Entretanto, na educação básica não é isso o que acontece e tal realidade precisa mudar, para que as escolas exerçam funções mais integradoras e apropriem-se do cotidiano das crianças, sendo então trabalhadas questões de maior importância para seu desenvolvimento. Com isso, a educação sexual não deve e nem pode ficar de fora dessa discussão, porque:

O diálogo sobre temas que envolvem sexualidade pode trazer muitos benefícios para a saúde sexual, física e emocional de crianças e adolescentes. Saber a hora e a melhor maneira de falar sobre sexualidade com as crianças e adolescentes é muito importante. Respeitar as fases de crescimento e o que abordar em cada uma delas pode ajudar a evitar equívocos na maneira de lidar com a questão, respeitando formas de expressão da sexualidade, sem reprimi-las, e empoderando meninas e meninos sobre o seu próprio corpo. (HANA; MORAES, 2020, p. 28).

Souza et al. (2010, p. 92) consideram que a escola, “por reunir diariamente um considerável número de crianças e adolescentes, com uma interação social e afetiva já estabelecida, facilita muito o desenvolvimento do trabalho e sua continuidade”. De forma semelhante, Para Ribeiro e Reis (2007, p. 377) enfatizam que a escola “desempenha um papel importante na educação para a sexualidade ligada ao prazer, ao bem-estar, à saúde, ao binômio ensino-aprendizagem, à cidadania, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto”.

A educação sexual na escola deve ser trabalhada apenas como âmbito pedagógico e nunca terapêutico, deve ser desenvolvido para que através de dinâmicas haja problematização de temáticas levantando assim questionamentos e ampliando a visão de mundo e de conhecimento (RIBEIRO; REIS; 2007). Com base nas ideias dos autores, compreende-se que:

A escola deve discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes na nossa sociedade, relacionados à sexualidade. Isso, sem ditar normas de certo ou "errado", o que "deve" ou "não deve" fazer ou impor os seus valores, acreditando que é melhor para o seu aluno" - o que pode não ser! O papel do professor é ser mais um "dinamizador de ideias" do que um "expositor da matéria" (RIBEIRO; REIS, 2007, p. 378).

A curiosidade das crianças e adolescentes em respeito a sexualidade acaba gerando questionamentos muito significativos para o entendimento de cada um, como apontam Ribeiro e Reis (2007, p. 377) que “a oferta, por parte da escola, de um espaço onde os alunos possam

esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para o alívio da ansiedade que, muitas vezes, interfere no aprendizado dos conteúdos escolares”.

A abordagem da temática com os alunos deve ocorrer de forma a possibilitar meios para que eles consigam entender com clareza, que tirem suas dúvidas e que não saiam da sala de aula com mais perguntas do que quando entrou. Por conseguinte, o “trabalho de educação sexual é integrado às atividades diárias: situações como histórias, na abordagem dos conteúdos no cotidiano da sala de aula, nos jogos e brincadeiras ou nas diversas situações que se apresentam e podem ser aproveitadas” (RIBEIRO; REIS, 2007, p. 375).

Em meio a prática pedagógica o professor pode abordar de formas sistematizadas e planejada os conteúdos, principalmente no 5º ano do Ensino Fundamental, período em que as crianças estão começando a entrar na puberdade e “[...] a demanda da sexualidade já começa a ficar mais emergente” (RIBEIRO; REIS, 2007, p. 377). Portanto, por meio da realização das atividades cotidianas das escolas, poderiam ser incluídas temáticas inerentes à educação sexual de uma forma interdisciplinar, considerando que:

O objetivo do trabalho de educação sexual com crianças é contribuir para que possam exercer, mais tarde, sua sexualidade com prazer e responsabilidade. E esse trabalho vincula-se ao exercício da cidadania na medida que, de um lado, propõe-se a trabalhar o respeito de si vinculado ao respeito do outro, e, por outro lado, busca garantir a todos conhecimentos que serão fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades (RIBEIRO; REIS, 2007, p. 378).

A implementação deste tema deve ser feita logo que a criança começa a frequentar o ambiente escolar e continuar durante todo o percurso educacional, como afirmam Ribeiro e Reis (2007, p. 372). “A educação sexual deve começar quando a criança entra na escola, se desenvolvendo durante todo o período escolar. Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental [...] a escola não deve estruturar horários específicos, como comumente ocorrem com as disciplinas curriculares” Para Souza et al. (2010, p. 93), “O trabalho junto a crianças deve acontecer no dia a dia, quando esta apresenta alguma curiosidade ou tem alguma atitude que o professor considere adequado intervir”.

O aprendizado deve evoluir gradualmente junto com as crianças, se adequando a sua faixa etária para que ela aprenda o que se deve aprender com a idade correta e o assunto deve ser tratado

com naturalidade para que assim a criança aprenda que educação sexual não é um “bicho de sete cabeças” como muitos fazem parecer.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada com base na análise de dados levantados com as pessoas participantes. Esse tipo de pesquisa traz compreensão para entender a complexidade de determinado problema e a análise de situações para pensar os diferentes processos de cada grupo social percebendo sua natureza (RICHARDSON, 2007).

Além do levantamento bibliográfico sobre a temática, foi desenvolvida, também, uma pesquisa de campo, cujo instrumento utilizado foi um questionário com questões abertas, enviado para algumas pessoas de um município do interior do Estado de Mato Grosso do Sul. Para isso, foi utilizado a plataforma de formulários do próprio *Google Forms*, em que inicialmente já constavam informações sobre a pesquisa, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi assinado por todos os participantes.

A pesquisa empírica foi feita totalmente *online* e o convite foi feito, individualmente, pelo aplicativo *WhatsApp*, a um total de quinze pessoas da mesma cidade. Foi feita a opção por ter um público misto na pesquisa, homens e mulheres, pessoas que possuem filhos ou não, para ter melhor visão da opinião da comunidade. Após o envio dos quinze questionários, mediante *link* no *WhatsApp*, onze retornaram respondidos, sendo então considerados os sujeitos que participaram da pesquisa.

Entre as 11 pessoas, 3 são homens e 8 são mulheres, com faixa etária entre 20 e 37 anos de idade, 7 não tem filhos e 4 têm entre um a três filhos. A maioria das mulheres são donas de casa, estudantes e algumas são formadas em Administração ou Pedagogia, já os homens são estudantes ou estão desempregados. Os resultados obtidos com a pesquisa de campo encontram-se descritos na sequência.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para iniciar, foi questionado aos participantes se durante o período em que estudaram na educação infantil, ensino fundamental ou médio, se tiveram aulas de educação sexual na escola.

Entre o total, 6 participantes responderam que não estudaram nada sobre a temática em nenhuma etapa escolar. O A5 explicou que “Não, porque era um tabu esse assunto” e tal ideia é compatível com o que destaca Nascimento, Miranda, Ferreira, Pereira e Silva (2021, p. 7), que refletem: “Atualmente nota-se que, apesar de a sociedade estar em constante evolução, falar sobre o tema sexualidade ainda é considerado um tabu, ao qual causa um grande constrangimento”.

Por se tratar de um assunto considerado delicado para algumas pessoas, ainda existe essa resistência do ensino de educação sexual, por relacionarem, muitas vezes, a terminologia a algo impuro para as crianças, uma vez que “muitas pessoas associam exclusivamente ao ato sexual” (NASCIMENTO et al., 2021, p. 7).

O participante A3 argumentou: “Que eu me lembre, mais ou menos. Tudo que aprendi sobre educação sexual foi dentro de casa com minha mãe e irmã, mas me lembro vagamente das professoras ensinando sobre os ‘órgãos genitais’”. Dessa forma, Nascimento et al. (2021, p. 7) dão ênfase a fala do participante, quando asseveram que:

Assim como a escola tem um papel significativo na vida das crianças, os pais também podem contribuir para esse processo de aprendizagem, pois a primeira educação parte do seio da família, ou seja, a educação sexual deve ser um assunto discutido primeiramente com a família, em que o pai ou o responsável possam esclarecer dúvidas sobre sexo, com a intenção de prevenção e cuidados, sendo que essa temática deve ser debatida de forma objetiva e sem julgamentos ou tabus. (NASCIMENTO et al 2021, p. 7).

Apesar de a escola ter um papel fundamental nessa fase, os pais ou responsáveis precisam fazer parte dessa evolução, para que o assunto não se torne algo estranho para as crianças e os adolescentes. Além disso, é importante que a família trate com naturalidade essas questões, evitando, assim, que se torne um tabu.

Sobre ter tido aulas de educação sexual na escola, o participante A6 comentou que “Não tive em detalhes, apenas sobre DST que já era conteúdo do livro”. Lembrando que as doenças sexualmente transmissíveis, ou DSTs, são entendidas como infecções sexualmente transmissíveis, ou ISTs, pois nem sempre as infecções resultam em doenças mais graves (ZOMPERO; DIAS; RODRIGUES; MARQUES, 2019). Quanto ao relato do A6, sobre ter sido abordado somente em relação às infecções, Dantas (2021) ressalta que:

O objetivo principal da educação sexual é preparar os adolescentes para a vida sexual de forma segura, chamando-os à responsabilidade de cuidar de seu próprio corpo para que não ocorram situações futuras indesejadas, como a contração de uma doença ou uma gravidez precoce e indesejada. Infelizmente o ser humano tende a acreditar que o perigo

sempre está ao lado de outras pessoas e que nada irá acontecer com ele mesmo, o que o coloca vulnerável a tais situações. (DANTAS, 2021, n.p).

O participante A7 analisou: “Não lembro exatamente se foi no ensino fundamental ou médio, mas acredito que no ensino fundamental, eu tive aula sobre educação sexual de maneira geral”. Já o participante A11 disse que “Não, pois a escola era pública e quase não tinha professor para as matérias básicas da grade curricular. Eu só fui ter algo relacionado ou parecido com educação sexual em aulas de biologia”. Com isso, podemos perceber o quanto a temática sobre a sexualidade costuma ser relacionada a conteúdos relativos ao corpo humano, enquanto que a educação sexual deveria ter explorada em diversas áreas do conhecimento e disciplinas escolares. Nesse sentido, Nascimento et al. (2021, p. 5) refletem: “é plausível que haja a introdução da educação sexual no ambiente escolar como prática educativa, pois a mesma serviria de complemento para a disciplina de ciências/biologia que de algum modo trabalha em sala de aula conteúdos que abordam a reprodução humana”.

Os participantes da pesquisa foram indagados se tiveram aula de educação sexual na escola, em quais séries ou anos escolares e em quais disciplinas a temática foi trabalhada. O A11 disse que: “Não tive a matéria, mas quem falou um pouco por cima foi minha professora de biologia no primeiro ano do ensino médio”. Os participantes A1, A5 e A6 informaram que foi o professor de ciências, enquanto o A10 disse que foi a professora de Português que trabalhou o assunto em sala. Com exceção à professora de Língua Portuguesa, os demais estudantes reconhecem que não tiveram aulas sobre a temática ou apenas em aulas de Ciências ou Biologia, a maioria não se lembra em qual série ou ano letivo que foi trabalhado.

Cabe salientar que a educação sexual pode ser trabalhada em áreas distintas, desde a área da linguagem até a biológica, por meio de diversas metodologias, como afirma Nogueira, Zocca e Muzzeti (2016, p. 326): “para o desenvolvimento da educação sexual podem ser utilizadas diferentes estratégias”. Os autores reforçam sobre a necessidade de utilização de maneiras estratégicas para o desenvolvimento e estudo de educação sexual com as crianças e adolescentes na escola e analisa:

Dessa forma, percebe-se a necessidade de cursos de capacitação para os professores cujo objetivo seja aprofundar as temáticas da sexualidade e, consequentemente, proporcionar aos educadores maior respaldo nas explicações em sala de aula, e no aporte à materiais científicos sobre o tema. (NOGUEIRA et al., 2016, p. 326).

As ideias de Nogueira (2016) evidenciam o quanto os professores precisam estar devidamente preparados, e que tenha a sua disposição materiais necessários para que possa se trabalhar com as crianças em sala de aula.

Em relação aos assuntos que foram trabalhados sobre a educação sexual, caso tenham tido esse conteúdo na escola, quatro participantes informaram que não tiveram aula ou não se lembravam. Os participantes A3, A7 e A8 destacaram que se trata dos conteúdos sobre a reprodução humana e órgãos genitais. Os participantes A6, A7 e A9 disseram que foram discussões sobre doenças sexualmente transmissíveis, uso de proteção e gravidez indesejada. Para Souza et al. (2010, p. 91), “Os jovens, ao iniciarem atividades sexuais precocemente, ficam mais vulneráveis à aquisição das DSTs, a gravidez não planejada e abortamento, o que justifica a necessidade de intervenções junto a esse grupo específico”. Nota-se, conforme os autores que existe essa necessidade de se estudar sim sobre as ISTs pois a criança/adolescentes precisa saber dos riscos e consequências que podem causar futuramente se não souberem se cuidar corretamente.

Uma das questões presentes no questionário era sobre a opinião dos participantes acerca educação sexual na escola, o fato de ter sido ou não trabalhado no período em que eles estudaram. Alguns alegaram que não tiveram essas discussões na escola, mas que teria sido de suma importância, outros afirmaram que os professores poderiam ter abordado o tema com mais profundidade, pois apesar já saberem de algumas coisas, alguns colegas de sala não tinham conhecimento nenhum sobre o assunto. O A7 então relatou: “Acho que foi importante e muito necessário, uma pena que na minha época (não sei hoje se trabalha) mas não trabalhavam das questões de gêneros e também não me lembro sobre falaram de abuso sexual”. O A8 argumentou:

Acredito que poderiam ter abordado mais o assunto, poderiam ter exemplificado mais sobre a temática, sem tabus ou vergonha. O desconhecido causa curiosidade nas crianças, então não há necessidade de esconder, visto que elas sempre irão procurar saber, é melhor que sejam informadas para que não sofram de outras maneiras, até mesmo para se protegerem. (A8).

De acordo Ribeiro (1990), a educação sexual exerce uma função importante para que as crianças e os adolescentes, no futuro, tenham mais responsabilidades em relação à vida sexual, menos preconceito nas relações sociais e se tornem mais informadas sobre o corpo e a sexualidade e com escolhas mais assertivas e atitudes preventivas. Portanto, a educação sexual orienta a criança

na fase da adolescência e adulta, faz parte da evolução dele como ser humano e isso acaba auxiliando no processo de amadurecimento do mesmo pois está ligada a suas relações sociais.

Os participantes da pesquisa responderam ainda a seguinte indagação: “Com quem você aprendeu sobre sexualidade na sua infância ou adolescência?” A intenção era perceber sobre os contextos em que eles aprenderam o que sabem atualmente e, nesse sentido, muitos alegaram que a internet foi de grande importância, outros disseram que aprenderam com algum irmão ou irmã mais experientes, pois os pais nunca lhe deram essa abertura para falar sobre sexualidade. Alguns citaram que aprenderam nos livros ou com amigas e amigos, outros disseram que a mãe abriu espaço para dialogar sobre a temática. Dois participantes relataram: “Um pouco na escola, com as aulas e eventuais palestras e minha mãe também me explicava muita coisa” (A7) e “Sozinha, foram descobertas próprias com amigas e sobre a palavra sexualidade em si, só fui ter conhecimento na faculdade” (A8).

Torna-se evidente que os pais ou responsáveis participam muito pouco e quando acontece geralmente é a mãe e chama a atenção o caso da participante que aprendeu apenas na faculdade, ou seja, depois que já tinha mais de 17 anos de idade. Sobre a negligência da família, no que tange a educação sexual, Gonçalves et al. (2013) apontam que:

A ausência da educação sexual no ambiente familiar é mantida porque nela permanece a ideia de filhos “assexuados”. Embora nossa civilização tenha, nos últimos anos, vivido alguns momentos de maior liberalidade em relação aos comportamentos sexuais dos jovens, a sexualidade ainda é considerada exclusiva do mundo adulto e isso significa um controle do exercício da sexualidade das crianças e adolescentes (GONÇALVES et al., 2013, p. 255).

Podemos assim notar com essa fala que os pais muitas vezes não abrem espaço em casa para falar com seus filhos a respeito deste tema porque, na “cabeça” deles, os filhos são seres assexuados, assim como muitos filhos também tem essa ideia dos pais. As crianças são ligadas a seres puros e por isso a ideia de “proteger” os filhos deste tema parece “apropriado” para alguns pais, porém como alguns mencionaram em suas respostas, não aprender em casa não significa que não irão aprender em lugar algum. Logo, seria mais adequado que essas crianças aprendessem em casa de forma correta do que em outros contextos, comumente de forma errada.

Os participantes também comentaram sobre o que entendem por educação sexual e alguns responderam que se trata de saúde pública, que deveria ser conversado regularmente pois é fundamental para a formação do ser humano. Os participantes A3, A7 e A10 relacionaram a

pergunta a um aspecto mais específico, voltado para a prevenção de abusos infantil. Eles assim explicaram: “Educação sexual é você trabalhar com o jovem, criança ou adulto as formas de prevenção ao abuso sexual, doenças sexualmente transmissíveis e também aos diferentes tipos de abuso” (A3); ou então “Para mim a educação sexual envolve uma série de fatores a serem trabalhados, como o desenvolvimento do corpo, as emoções, os sentimentos, porém parece que mais precisamente trabalha-se os aspectos ligados a sexualidade, reprodução humana e abusos sexuais” (A7); e ainda a educação sexual é uma forma de “alertar os adolescentes sobre os riscos e ensinar crianças a se sentirem seguras em alertar sobre abusos em seus lares” (A10). Com base nos relatos, é possível supor que associar a educação sexual com a diminuição da violência contra crianças e adolescentes faz sentido, tendo em vista que:

[...] a educação sexual precoce é a forma de desenvolver conceitos importantes de proteção, já que o abuso acontece em todas as faixas etárias. Evidencia ainda que a informação em assuntos sobre o corpo e a sexualidade torna a criança menos vulnerável ao abuso sexual e com competência e habilidade para se expressar e buscar ajuda caso esteja sofrendo este tipo de violência. É por meio da educação sexual que se cria um ambiente seguro e de liberdade para que os alunos se comuniquem com pais e educadores abertamente, tendo uma fonte de proteção contra os eventuais perigos. (BRASIL, 2017, p. 24).

Alguns participantes compreendem que educação sexual é o cuidado do seu corpo e do outro, de suas emoções e sentimentos, o que está ligado a evolução social da criança. Outros mencionaram que em sua época de escolarização não era abordado o tema educação sexual como hoje é chamado e que estudavam apenas os conteúdos do livro didático, mas entendem que é importante falar com as crianças na escola sobre e explicar da forma correta para não deixar as crianças confusas. Dessa forma, a participante A8 afirma:

Para mim, educação sexual seria uma disciplina onde os alunos poderão se conhecer melhor, entender suas necessidades fisiológicas, e conhecer o outro também, com isso poderão criar empatia pelas necessidades dos outros, assim como as próprias necessidades. Acredito que seja muito contrário do que as pessoas dizem, a educação sexual não é a sexualização dos corpos, e sim o entendimento de suas características biológicas, psicológicas e físicas (A8).

Por mais que cada participante tenha uma resposta com palavras diferentes, as ideias convergem, a educação sexual serve de apoio e direcionamento para as crianças e na escola deveria ter essa extensão, pois é de casa que se começa a educar as crianças neste quesito.

Ao serem indagados sobre a opinião em relação a possibilidade de trabalhar a educação sexual na escola na atualidade, os participantes relatam alguns aspectos importantes, como a necessidade de as crianças conhecerem e respeitarem os seus corpos e dos demais, bem como de entender sobre as mudanças ocorridas na puberdade de forma descomplicada, sem tabus. Relataram ainda que o tema é extremamente válido e que deveria ter mais aulas nas escolas, afinal a instituição de ensino pode ser o único lugar onde a criança terá o apoio necessário e para entender melhor, e de forma educativa, sobre essas questões. Os participantes mencionaram ainda as ISTs e gravidez indesejada, situações que poderiam ser evitadas se os adolescentes tivessem acesso a informações úteis e essenciais, como foi ressaltado pela participante A7:

Acho importante, pois muitas vezes em casa não se tem um diálogo aberto sobre isso e a escola ensina muitas coisas que são levadas para a vida e a educação sexual pode ser uma delas, até porque está na LDB que é um direito ter acesso à informação sobre educação sexual. (A7)

O A8 argumenta: “Penso que seja muito necessário essa discussão e amplitude do assunto, há muito a ser feito por nossas crianças para que não passem pelo que passamos. Informação é poder, é proteção e liberdade”. Com base nessas respostas, é possível analisar que a educação sexual nas escolas,

Não está conectada somente aos órgãos genitais tampouco à relação sexual, mas compreende uma série de processos psicológicos, físicos e sociais de sensações, sentimentos, trocas afetivas, necessidade de carinho e contato e necessidade de aceitação. Transcendendo o aspecto individual, o conceito de sexualidade não se completa dissociado de todas as suas dimensões sociais, políticas, econômicas, históricas e culturais (BRASIL, 2017, p. 24).

Os participantes afirmaram o quão necessário que tenha educação sexual nas escolas, que deveria ser trabalhado desde muito cedo com as crianças. “Acho de suma importância não só pelo fato de prevenir doenças, mas para desmistificar essa ideia de que falar sobre sexo seja algo pecaminoso ou impuro” (A11).

Os participantes foram indagados e então opinaram sobre quais séries/anos escolares ou para alunos de quais idades deveria ser trabalhado a educação sexual na escola e algumas pessoas expressaram que deveriam ser trabalhados no ensino fundamental a partir dos 6 anos de idade, envolvendo todos os anos seguintes, até o ensino médio. Outras destacaram a importância de se trabalhar esse tema desde a educação infantil e durante toda a educação básica, passando por

adequações de acordo com a idade das crianças, como ressalta o (A8): “Desde o maternal é interessante que os professores desenvolvam um trabalho com as crianças, que reforcem os cuidados com seus corpos e que não deixem outras pessoas tocarem sem permissão. Então, desde o maternal deveriam incluir aos poucos esse assunto”. De acordo com Favorito, Gonçalves e Paes (2015),

As crianças, apesar de terem uma visão muito limitada da sexualidade, precisam ser instruídas sobre o assunto para que o seu desenvolvimento seja o mais natural e saudável. Ensinos seguros e livres de preconceito acerca da sexualidade, desde cedo, são fundamentais para que as crianças, na adolescência, e na vida adulta, possam tomar atitudes e decisões mais responsáveis no que diz respeito à sua própria conduta sexual, podendo se prevenir de sérias consequências de atos relacionados à sexualidade. (FAVORITO et al., 2015, p. 70).

Trabalhar a educação sexual com as crianças da educação infantil e ir ao longo da escolarização se aprofundando mais no tema seria a forma que o autor citado acima descreve como o correto, afinal esses ensinamentos seriam mais seguros e livres de preconceitos sobre a sexualidade.

Os participantes da pesquisa também responderam sobre quais assuntos relacionados a sexualidade deveriam ser trabalhados na escola e disseram que as temáticas discutidas deveriam ser abordadas de forma com que as crianças tenham condições de identificar possíveis casos de abuso sexual, reconhecendo em quais partes do seu corpo outras pessoas podem ou não tocar. Mencionaram ainda as infecções sexualmente transmissíveis, os contraceptivos, a prevenção de gravidez indesejada, e o respeito em relação às outras pessoas.

Nesse sentido, os participantes A7 e A11 disseram que: “Acredito que quanto mais abrangente melhor, então desde o conhecimento do corpo, a reprodução humana, as doenças sexualmente transmissíveis, as emoções, os sentimentos, as questões de gêneros e respeito a eles as questões de abuso sexual” (A7) e “Métodos contraceptivos; higiene básica; questões biológicas básicas dos órgãos reprodutores; preferência sexual” (A11). Com isso, Favorito et al. (2015, p. 70) asseveram:

Acredita-se que a falta de educação sexual adequada desde a infância (que é a origem de todo o processo de educação), é um fator de vulnerabilidade para situações de riscos relacionados ao exercício da sexualidade [...] portanto, não restam dúvidas, que é de extrema importância que toda e qualquer temática relacionada à sexualidade sejam tratadas naturalmente desde a infância para o bem-estar das crianças na vivência de sua sexualidade atual e futura. (FAVORITO et al., 2015, p. 70).

Todo o assunto abordado com as crianças acerca do tema precisa ser tratado com naturalidade e sem quaisquer brechas para preconceitos e tabus, mas que seja de uma forma adequada para a faixa etária. Ensinar desde cedo o respeito ao próximo, conhecer a si mesmo e futuramente quando for a idade correta tratar sobre prevenção de doenças e gravidez. Ao serem indagados sobre quais assuntos acreditam que não deveria ser trabalhado na escola, em relação a educação sexual, os participantes foram unânimes em dizer que todos os assuntos são necessários abordar com as crianças, para que aprendam corretamente, como explica o participante (A7):

Acredito que de forma séria e comprometida com a informação e o ensino aprendizagem todos os assuntos podem ser trabalhados, desde que sirvam para informar e não com a finalidade de convencer ou influenciar alguém, por isso acho que ao abordar esse tema não pode haver brincadeiras ou algo do tipo, mas sim comprometimento com a educação somente até para que se tenha respeito das duas partes (professor e aluno) (A7).

Para Figueiró (2009, p. 144-145), “A Educação Sexual deve ser inserida como um tema transversal, ou seja, como um assunto ministrado no interior das várias áreas de conhecimento, perpassando cada uma delas”. Ou seja, a educação sexual pode ser trabalhada em todas as matérias ou disciplinas, não devendo ficar restrita apenas a apenas uma área, como ciência ou biologia, por exemplo.

Outra indagação feita aos participantes era sobre as pessoas responsáveis para trabalhar a educação sexual com crianças e adolescentes e neste aspecto as opiniões divididas, pois alguns disseram que seriam os pais, outros que deveria ser a escola. Contudo, algumas pessoas compreendem que se trata de um trabalho importante e que deve ser de responsabilidade tanto da família, quanto da escola e que ambas devem estar em sintonia. Dessa forma, a família pode dar abertura em casa para que as crianças conversem com eles e a escola pode, inclusive, ser um espaço acolhedor onde os alunos tiram suas dúvidas e aprendem sobre o tema de forma aberta e sem preconceitos.

Para Almeida e Centa (2009, p. 72), “O meio familiar propicia a sustentação da afetividade e também desempenha um papel na Educação de seus membros, pois é nela que são aprendidos os valores éticos e humanitários necessários para se viver em sociedade”. A criança tem a família como uma base de apoio e protetora, com isso é necessário a comunicação e o diálogo entre eles, para um bom convívio e assim abrir uma porta de confiança entre pais e filhos. Os autores acrescentam que:

Esta aproximação fará com que os adolescentes não se sintam sozinhos, perdido ou desorientados o que os ajudará a compreender e vivenciar esta fase, valorizando seus conhecimentos e sua história, pois é na família que encontrarão apoio e segurança para enfrentar os conflitos próprios da idade” (ALMEIDA; CENTA, 2009, p. 72).

Com ênfase no apoio e ensino da família nesta fase, os autores destacam que é de suma importância ter essa base de confiança entre os pais e filhos, pois assim eles podem conversar sobre suas inseguranças e conflitos que ao longo do desenvolvimento aparecerão.

Os participantes da pesquisa foram indagados sobre como acreditam que na atualidade as crianças estão aprendendo questões inerentes a sexualidade, de que forma ou com quem, sendo então evidenciado que não houve muita distinção entre as respostas, a maioria concordou que as crianças têm aprendido por meio da internet ou de forma equivocada com outros colegas mais experientes. Alguns citaram as músicas da atualidade que trazem muito a ideia do sexo em suas letras e da objetificação, principalmente das mulheres. O participante A3 explicou:

Na verdade, o que elas estão aprendendo é o "tira, põe, lambe e bate" presentes em músicas e muitos outros tipos de entretenimento existentes hoje. Ninguém tá falando para essas crianças de forma que elas consigam entender. Existem diversos programas de TV e internet que falam sobre sexo, mas todos são direcionados para jovens e adultos. Esse conteúdo precisa ser modificado, ou melhor, adaptado para que uma criança que detém zero conhecimento consigo de fato entender o que de fato é o sexo.

Seguindo a mesma linha de raciocínio do participante anterior, o A7 expõe sua preocupação em relação às mídias digitais a qual influência para que a criança tenha acesso a muita informação, precocemente, e não de forma educativa. Assim ele reflete:

Eu acredito que não podemos generalizar, mas a grande maioria está aprendendo de forma bem precoce sozinho ou com os "parceirinhos" e através da mídia (TV, filmes, redes sociais, internet) hoje temos muito conteúdo ligado a sexualidade e muito poucos ligados a educação sexual, infelizmente (A7).

Tais ideias estão relacionadas com o que apontam Varela e Melo (2015, p. 341) que “Nessas relações estabelecidas pelas crianças, precisamos atualmente considerar as mídias como participantes dos processos de educação sexual vivenciados por cada um de nós seres humanos – crianças e adultos”. É possível notar que as mídias digitais estão presentes no desenvolvimento da criança neste quesito, mas não de uma forma em que não agrega positivamente na vida e no desenvolvimento das crianças e adolescentes, pois as crianças têm acessos a inúmeras fontes de

conhecimento que ensinam de forma equivocada o que deveria ser aprendido em casa com os pais ou na escola, com um professor (a) para lhe auxiliar em qualquer questão.

Para finalizar o questionário, que foi respondido pelos participantes da pesquisa, constava a seguinte indagação: “O que mais sobre a temática educação sexual, que não foi perguntado, e quem você gostaria de acrescentar?” A maioria demonstrou satisfação nos questionamentos anteriores e que todas as questões foram de suma importância e essencial. O participante A8, inclusive, acrescentou:

A educação sexual deve ser trabalhada em conjunto com pais e escola, devemos ser responsáveis ao tocar o outro, ao falar com o outro e ao informar o outro. Não devemos excluir alguém por se identificar diferente do que nos identificamos ou do que a maioria se identifica, isso sim é inclusão (A8).

O participante ressalta a importância do respeito entre todos, porque é isso que é educação sexual, não é somente falar sobre IST ou gravidez indesejada, não é fazer uma criança identificar um possível abuso ou apresentar a eles o que são métodos contraceptivos. Educação sexual é cuidado consigo e com o próximo, é saber respeitar o outro e exigir o respeito e ter os conhecimentos necessários para tomar as melhores decisões, de forma emancipatória.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo proposto para esta pesquisa, de identificar e analisar o que dizem representantes da sociedade acerca da educação sexual nas escolas, a partir do estudo realizado, chega-se a algumas reflexões importantes. Com base no referencial teórico, é possível perceber que falar sobre a educação sexual é considerado, por muitas pessoas, como um tabu, ainda mais quando se trata de crianças. A palavra sexo é ligada a algo sujo e pecaminoso, por isso é visto por muitos como algo inapropriado para se trabalhar com as crianças.

Porém, essas ideias são refutadas ao decorrer do trabalho, tendo em vista as falas dos autores que sugerem que a educação sexual precisa ser trabalhada com as crianças e adolescentes desde a educação infantil. Contudo, a escola não deve ser a única responsável nesse processo, visto que a família tem um papel fundamental na educação e formação social das novas gerações. Além disso, falar de educação sexual é uma forma de reforçar o respeito que deve existir em relação a si

mesmo e ao próximo, entendendo que é preciso haver consentimento das partes envolvidas em relação aos seus corpos e individualidade.

Quanto à pesquisa de campo, por meio dos dados foi possível evidenciar que a maioria dos participantes da pesquisa não teve acesso a conteúdo inerentes à educação sexual nas escolas e os poucos assuntos abordados eram, geralmente, nas aulas de ciências ou de biologia. Dessa forma, alguns aprenderam sobre a temática com pessoas mais experientes, geralmente amigos, irmãos mais velhos, às vezes, com a mãe, ou sozinha e na própria universidade, o que aponta para uma limitação nas etapas escolares anteriores, pois a pessoa inicia o ensino superior, a partir dos 17 anos de idade, sem ter noções muito claras sobre questões tão relevantes para a existência humana.

Por meio dos dados coletados, foi possível notar, ainda, que todas as pessoas que participaram da pesquisa acreditam que é importante haver a educação sexual nas escolas, algumas entendem que desde a educação infantil, outras que seria a partir do ensino fundamental. Elas também acreditam que tanto a família, quanto a escola devem assumir a responsabilidade de trabalhar com temáticas inerentes à educação sexual com crianças e adolescentes, seja ensinando ou mesmo sanando as dúvidas que surgem em seu processo formativo. Por conseguinte, espera-se que os resultados da pesquisa possam contribuir para melhor compreender a temática, bem como perceber se há resistência ou aceitação por parte da sociedade, no que tange a possibilidade de trabalhar a educação sexual no contexto escolar.

Para finalizar, destaca-se que o estudo traz luz sobre a relevância e necessidade de haver um trabalho voltado à educação sexual nas escolas, mas fica a lacuna de entender a mesma temática sob o ponto de vista de outros participantes, com idades e níveis e escolaridade diferenciados. Por isso, sugere-se, para pesquisas futuras, a realização do estudo com pessoas que tenham perfil diferenciado, sobretudo responsáveis por crianças e adolescentes, pois pode ocorrer de elas serem resistentes, ou não, ao trabalho relativo à educação sexual nas escolas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de.; CENTA, Maria de Lourdes. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, p. 71-76, 2009.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Orientação Sexual**. 1998, p.289-309. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.

BRASIL. Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, Rede Ecpat Brasil. **Direitos Sexuais São Direitos Humanos**. 1ª edição, p.23-27, 2017. Disponível em: https://cmdca.salvador.ba.gov.br/wp-content/uploads/2022/08/Caderno_Temtico_2017_Final-1.pdf#page=23 Acesso em: 23 out. 2022.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental. **Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, DF**, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf> Acesso em: 23 out. 2022.

DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. Educação sexual. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescuela.uol.com.br/sexualidade/educacao-sexual.htm>. Acesso em: 10 de nov. 2022.

FAVORITO, Ana Paula; GONÇALVES, Rondys Caldeira; PAES, Daniela Cristina. Educação sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental: O que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer? **Multi-Science Journal**, v. 1, n. 3, p. 69-78, 2015.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. *In*: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009. p. 141-172.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, n. 1, p. 251-263, 2013.

HANA, Odara; MORAIS, Micael. A importância da educação sexual no Brasil. **Cátedra UNESCO/UNICAP**. Publicado em 30 set. 2020. Disponível em: <http://www.unicap.br/catedradomhelder/?p=4393> Acesso em: 30 de set. 2021.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sônia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

NASCIMENTO, Marcos Felipe Freitas do; MIRANDA, Delzuita Patrícia Souza; FERREIRA, Iolanda dos Santos; PEREIRA, Ana Claudia Coelho; SILVA, Vilmar Martins da. Educação sexual: um tabu na comunidade escolar. VII Congresso Nacional da Educação, CONEDU, Maceió, 2021. **Anais...**, Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV151_MD1_SA107_ID9191_27072021144119.pdf Acesso em: 09 nov. 2022.

NOGUEIRA, Natália Souza; ZOCCA, Adriana Rodrigues; MUZZETI, Luci Regina. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **Holos**, v. 3, p. 319-327. 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

RIBEIRO, Marcos. **Educação sexual: além da informação**. São Paulo: EPU, 62. 1990.

RIBEIRO, Marcos; REIS, Wagner. Educação sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 18, n. 2, p. 375-386, 2007.

SOUZA, Márcia Maria de; MUNARI, Denize Bouttelet; SOUZA, Sandra Maria Brunini de; ESPERIDIÃO, Elizabeth; MEDEIROS, Marcelo. Qualificação de professores do ensino básico para educação sexual por meio da pesquisa-ação. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 91-98, jan./mar. 2010.

VARELA, Cristina; MELO, Sonia Maria Martins de. Educação sexual, crianças e mídias: algumas reflexões. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 2, p. 341-356, abr./jun., 2015.

ZOMPERO, Andreia Freitas; DIAS, Marlene Alves; RODRIGUES, Karolyne; MARQUES, Thamires. Educação para saúde e interface universidade escola: oficinas pedagógicas desenvolvidas por graduandos de enfermagem sobre o tema IST e contraceptivos. **Saúde em Redes**, v. 5, n. 3, p. 161-175, 2019.